

## MEMÓRIA(S) E ESQUECIMENTO EM O CAVALEIRO DA ESPERANÇA, DE JORGE AMADO

Matheus de Mesquita e Pontes<sup>1</sup>

Resumo: A literatura engajada a serviço da construção da memória e do esquecimento. Assim, analisaremos Jorge Amado, em seu romance biográfico sobre a vida de Luís Carlos Prestes.

Palavras-chaves: história, literatura, memória, humilhação, ressentimento.

Résumé: La littérature engagé à service de la construction de la mémoire e de l'oubie. De cette forme on va analyser le roman biographique de Jorge Amado sur la vie de Luís Carlos Prestes.

Monts-clés: histoire, littérature, mémoire, humiliation, ressentiment.

A obra *O Cavaleiro da Esperança*: a vida de Luís Carlos Prestes, de autoria do literato baiano Jorge Amado, é uma biografia romanceada do líder do Partido Comunista do Brasil (PCB) que retrata a história, as façanhas, os amores e, principalmente, o sofrimento vivido por Prestes e seus correligionários. Trata-se de um livro de memórias<sup>2</sup> que não narra a história do próprio Prestes, mas dos indivíduos que pertenceram aos diversos grupos sociais em que Prestes teve notória participação e envolvimento. *O Cavaleiro da Esperança* é porta voz dos (re)sentimentos políticos de um grupo social que se rebela contra o martírio da prisão do seu líder pelo Governo Vargas, com o intuito de instigar a sociedade a uma prática social que reivindique a liberdade de Prestes e a reorganização de uma Frente Popular, dirigida pelo PCB, voltada à tomada do poder no país, afirmando, assim, uma postura do povo brasileiro contra Vargas e o integralismo/fascismo.

*O Cavaleiro da Esperança*: uma obra produzida através das memórias voluntárias e involuntárias

Jorge Amado, quando escreveu *O Cavaleiro da Esperança*, não conhecia pessoalmente Luís Carlos Prestes, pois este vivia exilado em países da América Latina devido à perseguição do Governo Vargas aos

<sup>1</sup> Mestrando em História Social, pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof. Dra. Jacy Alves de Seixas. E-mail: matheusdemesquitaepontes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Memória é imagem, independentemente da concepção de que se faz opção.

comunistas e ex-integrantes da Aliança Nacional Libertadora (ANL).<sup>3</sup> Neste contexto, pode-se observar que o escritor recorreu a três grupos sociais para produzir a biografia de Prestes: à família; aos ex-integrantes da Coluna Prestes e às lembranças dos membros da Frente Popular, que participaram da efervescência do movimento e dos levantes armados de 1935 e que, conseqüentemente, viveram as atrocidades da repressão, das prisões e das torturas praticadas pelo Estado Brasileiro. Sob esse prisma, Amado integrava o último grupo citado.<sup>4</sup>

A recorrência às lembranças da mãe de Prestes, a leitura das atas e biografias produzidas pelos membros da Coluna Prestes, incluindo as próprias recordações particulares do grupo, fazem com que o literato sintasse autorizado a escrever a biografia de seu líder político, contextualizando as condições sociais, econômicas e políticas características do período.

O livro apresenta um perfil militante que busca relatar “memórias autorizadas”, conferindo uma certa veracidade ao narrado, buscando, assim, tornar-se memória real de um grupo social mais amplo: a nação, o mundo, pois “[o]s fatos narrados por [Amado] são fatos absolutamente comprovados” (AMADO, 1987, p. 273).

Jorge Amado busca uma memória racionalizada que evite o subjetivismo, o que nos permite aproximá-lo às teses do sociólogo Maurice Halbwachs.<sup>5</sup> As afetividades e os ressentimentos manifestados nas memórias narradas pelo literato não são abordados de forma involuntária, mas sim, voluntariamente, justificando, dessa forma, a ação proposta na obra, juntamente ao contexto daquele momento histórico. Sob este prisma, Jorge Amado compreende que não podemos reviver o passado, mas sim, reconstruí-lo. Esta idéia é defendida, teoricamente, por Halbwachs. Neste ponto, justifica-se a tentativa de Amado em fixar uma memória coletiva sobre determinados fatos e uma construção do esquecimento para outros.

---

<sup>3</sup> ANL era a Frente Popular desenvolvida no Brasil tendo à frente o PCB e os ex-membros do Movimento Tenentista – Coluna Prestes. Jorge Amado era membro da ANL em 1935. Com o fechamento desta Frente Popular, o literato inseriu-se nos quadros do PCB. No lançamento de *O Cavaleiro da Esperança*, Amado já estava no partido.

<sup>4</sup> Quando utilizo o termo “grupo social” estou optando por um conceito utilizado por Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, apesar de não querer apontar preferência à interpretação de Halbwachs, pois tento relativizá-la com a intenção empregada por Amado em sua narrativa.

<sup>5</sup> Referente às estratégias da construção das memórias existentes no livro *A Memória Coletiva*.

Halbwachs (1990) acredita que tanto a memória quanto o próprio esquecimento são produtos dos quadros sociais, isto é, quando esquecemos, ocorre o desaparecimento ou uma transformação do grupo social que deveria elaborar a memória. A ótica halbwachiana da memória é coletiva, racional, lógica e busca a unidade. A memória coletiva é extraída de maneira exterior ao indivíduo. As próprias lembranças individuais surgem do seio de sua sociedade, partindo sempre do momento presente e criando um sistema de idéias e representações gerais que são pontos de referência adotados pelo grupo social.

Jorge Amado busca construir, de forma cronológica, a memória biográfica de Prestes e os fatos que cercaram sua vida. Para isso, utiliza-se das memórias da mãe e de uma irmã do líder para relembrar fatos de sua infância e juventude. O autor enfatiza o momento que Prestes insere-se no meio militar e vive o princípio do movimento tenentista. Amado recorre, também, às memórias e aos documentos produzidos pelos integrantes da Coluna Prestes a fim de retratar a longa caminhada de 25 mil quilômetros pelo interior do país e as respectivas façanhas do movimento, principalmente as do biografado, que viria a ser qualificado de “Cavaleiro da Esperança”, à medida que as ações do movimento alcançavam maior repercussão no território brasileiro.

Por último, o literato recorre às lembranças dos integrantes da Frente Popular (os comunistas, os próprios tenentes e os adesistas, incluindo a si próprio, apesar deste fato não se encontrar cristalizado no texto), a fim de relatar uma série de questões: a entrada de Prestes no PCB, o sofrimento e a decepção das massas com o “tirano” Vargas no poder, a pressão sofrida pelos grupos populares em relação ao fascismo, as esperanças do povo com a ANL, os levantes armados de 1935 e o sofrimento / humilhação dos militantes nas prisões, bem como a busca das massas populares pela liberdade na tentativa de reorganizar suas lutas.

Em três de janeiro de 1942, no quadragésimo quarto aniversário de Prestes, é lançado O Cavaleiro da Esperança. O PCB encontrava-se, praticamente, dissolvido graças às práticas repressivas do Estado. A figura de Prestes e suas façanhas, juntamente com a agremiação, tentavam ser ocultadas e, conseqüentemente, “apagadas” da memória nacional pela poderosa máquina de propaganda estatal, o DIP

(Departamento de Imprensa e Propaganda), que procurava firmar o mito de Vargas como o protetor da classe trabalhadora brasileira, “o pai dos pobres”, e como aquele que trouxe desenvolvimento ao país em todas as suas esferas. Neste sentido, o PCB buscava seguir as orientações de Moscou, tentando consolidar – reconstruir, no caso brasileiro – as Frentes Populares, sob orientação do próprio partido e consolidar sua liderança.

Sendo assim, a Literatura e as artes produzidas por seus militantes deveriam seguir as linhas conceituais de Moscou (III Internacional Comunista), segundo as quais qualquer forma de expressão dos militantes intelectuais do partido deveria seguir uma vertente que levasse as teses da agremiação às massas. Sob essa ótica, nas entrelinhas da narrativa amadiana, encontram-se as teses do partido buscando reorganizar um movimento de unidade nacional – a Frente Popular – para combater a ameaça fascista e seus colaboradores, como Vargas e seus vários chefes de gabinete. Com tal prática, firma-se, cada vez mais, a figura do líder da agremiação, reafirmando assim o mito prestista.

Baseando-nos em conceitos de Halbwachs, pode-se afirmar que, no princípio dos anos de 1940, existia uma disputa clara, racional e objetiva firmada por dois grupos sociais opostos em relação à memória coletiva nacional, sendo o Cavaleiro da Esperança um dos instrumentos de luta alçado pelo grupo comunista.

Por parte de Amado, evidencia-se a busca do uso racionalizado das memórias para produzir sua narrativa. Por outro lado, também é transparente no texto a existência das memórias involuntárias, uma vez que o literato sempre busca canalizá-las para um sentido lógico, fazendo assim, jus ao proposto. A manifestação de tais traços involuntários torna-se mais evidente perante os sentimentos e afetividades apresentadas no transcorrer da narrativa. Talvez esteja aí uma das grandes qualidades de Amado enquanto romancista engajado na transformação social: saber interligar a irracionalidade afetiva dos sentimentos a uma vontade racionalizada do seu grupo social.

Considerando o conceito involuntário da memória, desponta-se, no campo teórico, Bergson, considerado mestre do “rebelde” Halbwachs, o também literato Proust, o sempre polêmico psicanalista Freud, dentre outros. Tais teóricos crêem em uma memória involuntária que emerge de um boom subjetivo ligado às emoções. Segundo Jacy Alves

de Seixas<sup>6</sup>, no artigo Halbwachs e a memória reconstrução do passado, a memória involuntária:

... é sobretudo relacionada à imagem erupção, à idéia de que somos “tomados”, assaltados e conduzidos pela memória, à imagem do rio, do fluxo ou do élan que traz “de repente” o passado, ou melhor, a representação ou representações desse passado. Retorno sem dúvida carregado de afetividade, que nos permite de alguma forma “reviver” as emoções experimentadas (SEIXAS, 2001, p. 104).

A memória, nesse sentido, é interna. O indivíduo é o “leito do rio” do qual emergem suas lembranças, diferentemente da memória externa, em que o sujeito observa “as margens do rio” e as seleciona<sup>7</sup>.

Amado compreende que, às vezes, ele é o próprio leito do rio abrindo seus sentimentos, como também observa que os indivíduos que revelaram também mostraram seu leito, demonstrando as afetividades e os ressentimentos sobre o período lembrado e suas ligações pessoais com Prestes, não apontando assim, um olhar racionalizado perante as margens do rio.

Apesar de a obra estar narrada de forma cronológica, percebem-se as diversas digressões que o literato faz no decorrer do texto, na tentativa de casar uma lógica sequencial com os sentimentos emergidos. Nesse sentido, talvez para facilitar a produção narrativa, o autor fragmentou o livro em cinco partes com cinquenta capítulos, havendo capítulos inteiros voltados à questão da afetividade ou do ressentimento, sejam eles individuais ou coletivos.

Segundo Seixas(2002, p. 45), a memória não é estática, não é regressiva - algo que parte do presente fixando-se no passado -, nem seu volume ou conteúdo são fixos. Segundo a autora, a memória é projetiva lançando-se em direção ao futuro, é matéria com movimento em diversos sentidos, imaginando-se numa espiral, no espaço e no tempo, em que tudo tem seu princípio e atualização no tempo presente. Nesse sentido, as afetividades seriam as maiores impulsionadoras do irracionalismo das lembranças.

<sup>6</sup> Seixas é o principal referencial teórico desse trabalho, principalmente no que se refere ao conceito de esquecimento e memória involuntária através dos desdobramentos das afetividades / sentimentos.

<sup>7</sup> O uso dessa seleção da memória é a reconstrução do passado na qual está vinculado o uso da inteligência humana, diferente da memória interna que é espontânea e não exige, segundo Proust, de nossa intelectualidade.

Concluindo, as memórias erupções, juntamente com suas subjetividades - afetividades -, são ferramentas que Amado teve em mãos e utilizou, de forma racional, para produzir a narrativa biográfica sobre a vida de Prestes e o período histórico abordado.

## Esquecimento

Certamente, o empolgante na discussão teórica sobre memória não é somente o debate do tema em si, mas a sua co-relação com o esquecimento. Tratando os dois temas de forma conjunta, desponta-se o (re)encontrar de um novo caminho à nossa frente, mas de difícil visualização. Tentando uma comparação, trataria-se de uma avenida onde reconhece-se somente uma mão.

Amado é mestre em (re)fazer o uso das memórias e dos esquecimentos para garantir coerência em suas narrativas. O escritor busca a (re)adaptação dos esquecimentos, ocultando fatos ou refazendo-os sob outra ótica, como por exemplo, a rejeição ou o medo de algumas comunidades interioranas em relação à passagem da Coluna Prestes, o apoio e o entusiasmo desses povos com a passagem dos revoltosos ou a minimização do desastre organizativo dos levantes de 1935 que endureceram a repressão do regime Vargas. Na prática, o interesse de Amado é canalizar o uso das memórias e dos esquecimentos de forma que atenda aos interesses de apenas um grupo social: os comunistas e seu partido.

Contrariando o ponto de vista de Amado, no artigo *Comemorar entre memória e esquecimento*, Seixas (2000, p. 83) aborda que o lembrar e o esquecer são uma constante na produção histórica. O lembrar e o esquecer seriam ações complementares, uma vez que a memória e a história não se conflitam, mas se complementam. A autora interpreta o uso histórico da memória ao longo dos tempos, mas enfatiza a análise dos teóricos defensores da memória involuntária, principalmente, Proust e Nietzsche em relação ao fato / ato de esquecer. Fundamentando esta discussão, Nietzsche “afirmará que a memória nasce do esquecimento” (SEIXAS, 2000, p. 86), sendo que o esquecer nos possibilita a viver<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Observar o livro de Nietzsche, *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagens da história para a vida*.

O esquecimento, portanto, é quem conduz à ação, enquanto o conhecimento histórico (identificado à “dissecação”, à sedentária cultura histórica) leva à paralisia, à passividade dos vergados pelo peso do excesso de memória (SEIXAS, 2000, p. 86).

Proust, como também Nietzsche, acredita numa “dosagem exata” entre a memória e o esquecimento, própria dos movimentos descontínuos da memória e das experiências humanas. Seixas nos coloca que para Proust<sup>9</sup>,

... a memória não vem em bloco e de forma definitiva, ela convive com inúmeros momentos de lembrança apenas pressentidas, mas logo em seguida abortadas, com fatias enormes de passado para sempre perdidas (SEIXAS, 2000, p. 90).

Seixas (2003, p. 30), no artigo *Tênues Fronteiras de Memórias e Esquecimentos*, ressalta que o esquecimento também deve ser analisado no plural, observando seus espaços de fronteira - lugar de articulação dos afetos, desafetos, experiências e pensamentos - , em que, muitas vezes, tais espaços se emergem de forma inconsciente ou se encontram reprimidos e recalçados prontos para uma possível erupção. Segundo esta autora, existe aí uma “distinção sutil e refinada” – questão a ser observada com cautela pelo historiador - entre os vários enfoques dados à relação memória e esquecimento: a noção de representação (voluntária e consciente, porém uma elaboração intelectual) e a imaginação (incorporando o involuntário e afetivo). Isso significaria:

Compreender, igualmente, o jogo sutil que faz com que freqüentemente o esforço interessado de memória produza e projete as sombras do esquecimento; percorrer precisamente esta região fronteira, jamais rigidamente delimitada, entre memória e esquecimento (SEIXAS, 2003, p. 126-127).

A análise realizada por Seixas, seja na parte supracitada ou no início do artigo, serve para compreender o sentido da obra literária pesquisada e a relação de Amado com esta obra.

A imagem existente no senso-comum nacional, segundo a qual o povo brasileiro (nós) possui “memória curta” e é “esquecido”, confere sentido à biografia da vida de Prestes, cuja produção visa instigar as massas a (re)lembrar a vida e a história deste líder, não permitindo que

<sup>9</sup> Observar o romance *Em busca do tempo perdido*, de Proust.

suas imagens caíam no esquecimento, para assim, posteriormente, os leitores reunirem condições de fazer uma opção / ação política.

Amado julga que O Cavaleiro da Esperança, juntamente com mais duas obras de sua autoria<sup>10</sup>, é de cunho stalinista, uma vez que força o descrever de uma análise / “verdade” conjuntural errônea, interpretada por Moscou e implementada pelo PCB. Com a queda do Muro de Berlim e o fim do Estado Soviético, Amado proibiu a publicação de seus “livros stalinistas”<sup>11</sup>, com exceção do próprio O Cavaleiro da Esperança, julgado pelo escritor de grande utilidade para a luta da anistia e para a lembrança das memórias daqueles que lutaram por um Brasil mais justo. Nesse sentido, encontramos o dever de memória e o direito de esquecer na perspectiva amadiana.

Pierre Ansart: humilhação e ressentimentos nas memórias involuntárias de O Cavaleiro da Esperança

Humilhados. Esta é a situação descrita por Jorge Amado em relação aos personagens protagonistas de O Cavaleiro da Esperança: Prestes, Olga, os enviados da III Internacional que vieram impulsionar a consolidação da Frente Popular brasileira e, em especial, o casal alemão Harry e Auguste Berger. Prisão, torturas físicas e psíquicas, a situação de impotência do aprisionado frente ao inimigo tirano e desumano: condição desoladora dos “heróis revolucionários” retratados na biografia amadiana.

Para Pierre Ansart, no artigo As Humilhações Políticas, além da impotência de poder agir, a humilhação é um sofrimento extremado. Detalhando o conceito:

Ser humilhado é ser atacado em sua interioridade, ferido em seu amor próprio, desvalorizado em sua auto-imagem, é não ser respeitado. O humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado de sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta, atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que de si e a imagem desvalorizada ou difame que os outros lhe infligem (ANSART, 2005, p. 15).

---

<sup>10</sup> São Subterrâneos da Liberdade e o Mundo da Paz que lhe deram o Prêmio Internacional Stálin, em Moscou, 1951.

<sup>11</sup> Vale ressaltar que Amado abandonou a agremiação após as denúncias ocorridas no XX Congresso do PCUS, sendo que o sentido da proibição da publicação dos livros está na intenção de esquecê-los, segundo suas próprias memórias em Jorge Amado, Literatura Comentada, p. 28.

A humilhação representada na narrativa amadiana enfoca bastante o aspecto da agressão corporal e psíquica do personagem. Quando o casal Berger é detido pós-levantes armados de 1935, eles são torturados ao extremo para contarem o paradeiro de Prestes e de Olga.

... eles despem Harry e Auguste, os dois surgem nus em frente a todos [...] Entre socos dão uma enxada a Auguste. E mandam que ela ca4ve a sepultura do marido (AMADO, 1997, p. 279).

A tortura psíquica não funciona como o esperado. O casal não conta o paradeiro de Prestes e Olga. Irritados, os torturadores apelam para a tortura corporal.

Manda que tragam Berger de junto da cova. Levam-no para perto de Auguste. E o chefe entrega a mulher aos homens como bestas. Que a usem na vista do marido [...] e novamente são as pancadas, socos, canos de borracha, culatra do fuzil. Os corpos rolam no sangue, os gemidos abafados com as gargalhadas. E depois toma de Auguste e lhe cortam os seios. E torturam Harry no sexo (AMADO, 1997 p. 280).

O casal não repassa nenhuma informação à polícia. Amado descreve várias outras torturas sofridas pelos Berger. Harry morre louco<sup>12</sup> e Auguste morre em campo de concentração nazista sofrendo de esquizofrenia. Apesar de a narrativa contar a humilhação dos militantes torturados com bastante ênfase, Amado não aponta indícios de que esses homens nutrem esse tipo de sentimento. Eles são “novos homens”, são maiores que os torturadores a mando de Vargas e do fascismo. Para os partidários do comunismo, o relevante seria a vitória do movimento, não importando a morte através de bárbaras torturas.

A humilhação dos protagonistas de *O Cavaleiro da Esperança*, aliada ao perfil dos personagens de mártires convictos de sua causa e, conseqüentemente, a expectativa da vitória futura, é uma representação que busca gerar no leitor o ressentimento de revolta frente ao Governo Vargas e ao movimento fascista. O ressentimento pode ser considerado a fagulha para o ódio social; um chamado para o leitor tomar partido e partir para ação.

<sup>12</sup> Harry morreu liberto na antiga Alemanha Oriental sem recobrar sua sanidade mental. Amado afirma que a loucura de Harry foi usada para torturar psicologicamente Prestes, já que com sua prisão ambos viriam a ser os únicos vizinhos de sela. “Berger fala dia e noite, rompe a cabeça contra a parede. E essa é a única presença humana que Prestes sente próximo de si” (Amado, 1997:281).

Segundo Pierre Ansart (2001, p. 16), em seu artigo *História e Memória dos Ressentimentos*, Nietzsche elaborou / inaugurou a noção de ressentimento, fundamentando-se assim, no cruzamento de três abordagens: histórica, psicológica e sociopolítica. O ressentimento seria a mola propulsora que “estaria na base do igualitarismo democrático destruidor, na raiz dos movimentos populares, socialistas e anarquistas e, em uma só palavra, na origem da decadência das sociedades ocidentais” (NIETSCHE, apud ANSAT, 2001 p. 17).

Ansart reconhece a importância de Nietzsche na definição conceitual sobre o ressentimento<sup>13</sup>, mas prefere utilizar este termo no sentido plural, aglutinando assim, complementos para uma definição, ao invés de aplicá-lo em traços de uma “essência universal”: a “história do ódio” baseado num niilismo nietzschiano. Ansart (2001, p. 19-22) aponta cinco complementos para endossar a compreensão do termo; primeiramente, os ressentimentos dos fracos e dominados e, posteriormente, os dos dominantes, que sentem a necessidade de reconquistar a autoridade perdida ou questionada, vingando-se assim, da humilhação experimentada. Considera-se tal questão como primordial para compreender o sentido de O Cavaleiro da Esperança.

Os tenentes, ex-companheiros de Prestes na Coluna, aderem ao projeto da Aliança Liberal, vislumbrando fazer a revolução que não fizeram durante os anos de 1920. O uso dos ressentimentos do Movimento Tenentista leva Vargas ao poder. Desiludidos, posteriormente, com as posturas do Governo Varguista, diversos tenentes abandonam-no e preferem aliar-se ao rebelde Prestes e seus companheiros comunistas, formando, deste modo, a ANL. Vargas, sentindo sua autoridade questionada, fecha a ANL, ao passo que os comunistas, ressentidos e com medo do avanço fascista / integralista, promovem os levantes de 1935. Vargas, novamente indignado com aqueles que utilizam as armas e o discurso em nome dos dominados, emplaca uma dura repressão aos revoltosos. Por último, os ressentimentos das vítimas da repressão e das torturas servem de estímulo / razão para a produção da obra literária de Amado, aclamando, então, os dominados / oprimidos à luta para derrubar o opressor e imprimir uma nova ordem.

---

<sup>13</sup> “O sentimento de existir o bem e o mal, é um fator importante para a solidariedade e ação de um grupo” (ANSART, 2001, p. 21).

O segundo complemento referenciado por Ansart diz respeito à interpretação da intensidade dos ressentimentos ligados às humilhações. Nesse contexto, Amado retoma as experiências / memórias reinantes no dia-a-dia do cárcere<sup>14</sup>, enfatizando as torturas sofridas.

Uma terceira colocação estaria ligada ao conteúdo das “representações, as ideologias, os imaginários, as crenças..” (ANSART, 2001, p. 20), o que também se aproxima dos ressentimentos narrados por Amado.

Citando um exemplo narrado pelo literato (AMADO, 1997, p. 21-23), destaca-se o caso do Rio Grande do Sul, terra libertária de onde surgiriam os Farrapos, que questionariam o Império, e nasceria o libertador, o “Cavaleiro da Esperança” Luís Carlos Prestes. Também terra de “fazendas feudais”, com “economia agropastoril”, de onde haveriam de florescer os “governantes patriarcais”, o tirano Getúlio Vargas. Tais representações justificariam a raiz da disputa: Vargas e os integralistas versus Prestes e os nacionalistas progressistas. A referência a estes grupos rivais parece fortalecer a crença da existência do lado do bem e do lado do mal, mesmo que estes sujeitos sejam oriundos do mesmo lugar.

Um outro enfoque sobre do ressentimento está no que Ansart chama de “provocadores de ressentimento”, sendo este papel desempenhado por indivíduos ou grupos. Amado é um provocador de ressentimentos a serviço do seu grupo social (os comunistas), que utiliza a figura carismática e a liderança de Prestes para despertar o ódio da sociedade (incluindo os leitores de sua literatura) contra Vargas e seus aliados integralistas / fascistas. Nesse sentido, é necessário relembrar as façanhas e lutas do “Cavaleiro da Esperança”, comparando as posturas deste com as do “tirano” Vargas.

O último complemento abordado por Ansart no uso da interpretação dos ressentimentos é a origem de suas manifestações e suas conseqüências. Para o autor, as origens podem estar ligadas ao medo, à experiência de humilhação, ao ciúme, à inveja, dentre outros, em que as conseqüências dos ressentimentos podem afirmar ou reconstituir a coesão de um grupo, implicando a formação de laços de cumplicidade e solidariedade em seu interior, como até mesmo a formação ou reformulação de novos valores.

<sup>14</sup> É interessante apontar as diversas prisões e torturas promovidas pelo Governo Vargas, incluindo as do próprio literato que foi detido por duas vezes.

Liberdade aos presos políticos, fim das humilhações e democracia no campo eleitoral são eixos fundamentais na obra panfletária de Amado. Para este autor, a vitória dessas bandeiras são fundamentais para construir uma ordem sólida no Estado brasileiro e extinguir a agonia vivida pelo povo. Outra interessante percepção de Ansart está no debate sobre a democracia eleitoral e os possíveis ressentimentos dentro do regime. Para o autor:

A ideologia liberal tem como evidente que o funcionamento da democracia deva ter como efeito moderar os ódios sociais e os ressentimentos pela legalização das oposições (...) Isolando cada eleitor, separando-o, na cabine de voto, do élan das paixões coletivas, o regime eleitoral tenderia a fragmentar os ressentimentos e, em princípio, a enfraquecê-los (ANSART, 2001, p. 27).

Ansart, em seu artigo, não menciona o fim dos ressentimentos, que podem ser até amenizados com o discurso ou prática democrática, mas nunca evitados.

Deveríamos perder as ilusões sobre o fim dos ressentimentos e não esperar de uma organização política e, portanto, da democracia a erradicação das invejas, dos ciúmes e dos ódios impotentes (ANSART, 2001, p. 25).

A posição de Ansart leva à reflexão de que um Estado de regime hostil, como o da Era Vargas (1930-1945), favorecia o desenvolvimento e o fortalecimento dos ressentimentos coletivos. Isso leva a crer que houve, no período citado, uma “guerra de / pela memória” racionalizada e institucionalizada, sendo que o livro *O Cavaleiro da Esperança* é um marco significativo desse conflito - sob a ótica dos opositoristas a Vargas - que em seus meandros utilizou os sentimentos para o combate. Amado, talvez sem perceber, utilizou as afetividades, a humilhação e o ressentimento - principais agentes da memória irracional - para construção de uma memória racionalizada e coletiva.

É importante ressaltar que Amado não prevê uma pluralidade emergida das memórias e dos esquecimentos dos indivíduos, acreditando em uma padronização da memória e dos (re)sentimentos. Conforme tal crença, construiu-se um determinismo histórico ortodoxo que apostava no fim dos rancores / ressentimentos com a vitória dos comunistas, prevendo um amanhã de paz, liberdade e alegria, tendo a frente Prestes dirigindo a nação com seus aliados (AMADO, 1997, p. 350).

Referências Bibliográficas:

AMADO, Jorge. O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

ANSART, Pierre. As Humilhações Políticas. In: MARSON, Izabel & NAXARA, Márcia (orgs.) Sobre a Humilhação. Uberlândia: EDUFU, 2005.

\_\_\_\_ História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org) Memória e (res)sentimentos: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: Reflexões sobre a memória histórica. Revista História: Questões & Debates, Curitiba: Editora da UFPR, nº32, jan-jun, 2000.

\_\_\_\_ Halbwachs e a memória-reconstrução do passado, História, nº20, São Paulo: UNESP, 2001.

\_\_\_\_ Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, Jacy A. BRESCIANI, M. Stella & BREPOHL, Marion (orgs.) Razão e paixão na política. Brasília: Ed. UNB, 2002.

\_\_\_\_ Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?, Projeção História, São Paulo: PUC/SP, 2002.

\_\_\_\_ Percursos de Memórias em Terras de História: Problemas atuais. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org) Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

Artigo recebido em maio de 2007 e aprovado em julho de 2007.